

HORTO MEDICINAL DE ALTA FLORESTA, MATO GROSSO: DIVERSIDADE DE ESPÉCIES NATIVAS E EXÓTICAS

**ALTA FLORESTA MEDICINAL GARDEN, MATO GROSSO: DIVERSITY OF
NATIVE AND EXOTIC SPECIES**

Ciências Biológicas, Ciências da Saúde • 08/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/786071177](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/786071177)

José Martins Fernandes¹

Graziela Alves Barbosa²

Michele Flauzina de Paulo³

Isane Vera Karsburg⁴

RESUMO

Os hortos medicinais proporcionam espaços para atividades de ensino, pesquisa e extensão. São multidisciplinares e aproximam teoria e prática, permitindo a interação entre professores, estudantes e comunidade. A pesquisa teve como objetivo reunir a riqueza das plantas cultivadas no Horto Medicinal de Alta Floresta, Mato Grosso, incluindo espécie, família botânica, origem, forma de vida, forma de aquisição, formas de preparo e uso das plantas mais comuns. O horto está localizado no município de Alta Floresta, Norte de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Alta Floresta, Universidade do Estado de Mato Grosso. Foi fundado no dia 14 de novembro de 2025, com o lançamento durante o II Workshop Alta-florestense de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Plantas Medicinais e Fitoterapia. A lista das plantas medicinais foi elaborada em julho de 2026, contabilizando as espécies e famílias botânicas presentes no local, origem geográfica, forma de vida e nome popular obtidos em literaturas especializadas de botânica. O horto mantém 90 táxons infragenéricos, correspondendo a 88 espécies, um híbrido e uma variedade, incluídos em 44 famílias, obtidos na floresta, quintal e beira de estrada (22 spp.), doadores diversos e sítio da família (14 spp. cada), coleção pessoal e comprado (10 spp. cada), vizinhos e acadêmicos (8 spp. cada). Quanto a origem, 46% exóticas e 43% nativas no Brasil, principalmente ervas (28%), arbustos (24%) e árvores (22%). O Horto Medicinal de Alta Floresta, com menos de um ano, já mantém elevada riqueza de plantas usadas na medicina popular para dialogar com a sociedade.

Palavras-chave: Botânica; Conhecimento tradicional; Interdisciplinariedade; Saúde pública.

ABSTRACT

Medicinal plant gardens provide spaces for teaching, research, and

outreach activities. They are multidisciplinary and bridge the gap between theory and practice, fostering interaction among professors, students, and the community. This research aimed to document the diversity of plants cultivated at the Medicinal Plant Garden in Alta Floresta, Mato Grosso, covering aspects such as species, botanical family, origin, growth habit, method of acquisition, preparation methods, and uses of the most common plants. The garden is located at the Alta Floresta University Campus of the State University of Mato Grosso, in the municipality of Alta Floresta, Northern Mato Grosso. It was founded on November 14, 2025, with its launch taking place during the II Alta-florestense Workshop on Integrative and Complementary Practices in the SUS: Medicinal Plants and Phytotherapy. The list of medicinal plants was compiled in July 2026, cataloging the species and botanical families present at the site, as well as their geographic origin, growth form, and common names, based on specialized botanical literature. The garden maintains 90 infrageneric taxa, comprising 88 species, one hybrid, and one variety across 44 families, sourced from forests, backyards, and roadsides (22 spp.), various donors and the family farm (14 spp. each), personal collections and commercial purchases (10 spp. each), and neighbors and academics (8 spp. each). Regarding origin, 46% are exotic and 43% are native to Brazil, mainly herbs (28%), shrubs (24%) and trees (22%). The Alta Floresta Medicinal Garden, less than a year old, maintains a high diversity of plants used in folk medicine to engage with society.

Keywords: Botany; Traditional knowledge; Interdisciplinarity; Public health.

1. INTRODUÇÃO

Embora a medicina alopática esteja bem desenvolvida na maior parte do mundo, a Organização Mundial da Saúde reconhece que grande parte da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para sua atenção primária, tendo em vista que 80% desta população utilizam práticas tradicionais nos seus cuidados básicos de saúde e 85%, plantas ou preparações delas (Brasil, 2016).

O interesse mundial pelos conhecimentos e práticas tradicionais nas últimas décadas faz parte de diversos debates públicos, dos quais alguns se concretizaram em políticas públicas, em que se inclui a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) do governo brasileiro publicada em 2006, em que institucionalizou o saber popular e tradicional na disseminação do conhecimento da biodiversidade nacional e no fomento à indústria farmacêutica nacional (Brasil, 2006a; Castro; Figueiredo, 2019). Nesse sentido, o Ministério da Saúde do Brasil também apresentou, em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), cuja implementação envolveu justificativas de natureza política, técnica, econômica, social e cultural (Brasil, 2006b; Brasil, 2016).

Alguns princípios nortearam a elaboração da PNPMF, tais como melhoria da atenção à saúde, uso sustentável da biodiversidade brasileira e fortalecimento da agricultura familiar, geração de emprego e renda, desenvolvimento industrial e tecnológico, e perspectiva de inclusão social e regional, além da participação popular e do controle social sobre todas as ações decorrentes dessa iniciativa (BRASIL, 2006a; BRASIL, 2016). Enquanto a PNPIC atende, sobretudo, à necessidade de se conhecer, apoiar, incorporar e implementar experiências que já vêm sendo desenvolvidas na rede

pública de muitos municípios e estados, totalizando 29 práticas integrativas, dentre elas, as Plantas Medicinais e a Fitoterapia (Brasil, 2006b; Brasil, 2016; Brasil, 2022a).

De acordo com o SUS, a disponibilidade de plantas medicinais e fitoterápicos ao usuário na Unidade Básica de Saúde envolve áreas multidisciplinares, como por exemplo a Botânica, Etnobotânica, Farmacologia, Química, Fitoquímica e Medicina, na busca de resultados que possam validar ou não o uso de plantas no tratamento de doenças. No caso da Botânica, contribui principalmente com a coleta, identificação, classificação, estudo morfológico e etnobotânico, incorporação em herbário e distribuição geográfica das espécies (Maciel et al., 2002; Fernandes et al., 2014; Oliveira; Ropke, 2016; Lima; Saldanha; Cavalcante, 2020), geralmente sob a responsabilidade de um botânico taxonomista.

A taxonomia de plantas medicinais pode ser considerada complexa, levando em consideração a quantidade de espécies vegetais conhecidas no mundo, a introdução constante de espécies exóticas influenciada por diferentes culturas e saberes, as mudanças taxonômicas em decorrência dos trabalhos filogenéticos moleculares, o número elevado de sinônimos disponíveis e, principalmente, devido ao número reduzido de especialistas em identificação botânica (Fernandes; Soares-Lopes; Almeida, 2021).

O Brasil é o país de maior biodiversidade do planeta (Brasil, 2016). Dados recentes mostram que a flora brasileira está representada por cerca de 37.774 espécies de plantas nativas (Flora e Funga do Brasil, 2024), o que reafirma, mais uma vez, o seu reconhecimento como o principal país megadiverso, e que, para continuar identificando

todas essas espécies, inúmeras delas medicinais, precisa-se de muita gente interessada no assunto.

A identificação de plantas medicinais sempre foi um assunto complicado, mas isso vem mudando à medida que as pessoas têm maior acesso às literaturas taxonômicas online com descrições morfológicas, fotografias, ilustrações, exsicatas digitalizadas, comentários taxonômicos e chaves de identificação, como encontrado na *Flora e Funga do Brasil*, para as espécies nativas (Fernandes, 2022a), Flora of China e Flora of Pakistan, por exemplo, para as exóticas.

No geral, a identificação de uma planta medicinal pode ocorrer de duas formas, pela popular e/ou pela científica, com o uso de características morfológicas; a identificação científica busca trabalhos taxonômicos para chegar ao nome da espécie, que é binomial, enquanto a identificação popular é realizada de forma empírica, por pessoas com maior contato com as plantas, principalmente ao nível de etnoespécie (Fernandes, 2022a).

Nessa discussão, é importante conceituar “planta medicinal”, “droga vegetal”, “fitoterápico”, “medicamento fitoterápico”, “produto tradicional fitoterápico” e “horto medicinal”. Planta medicinal é uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos, sendo a planta fresca (*in natura*) aquela coletada no momento de uso e planta seca a que foi precedida de secagem, equivalendo a droga vegetal (Brasil, 2006a; Brasil, 2016).

Fitoterápico é o produto obtido de matéria-prima ativa vegetal (planta medicinal fresca, droga vegetal ou derivado vegetal - extrato, tintura, óleo, cera, exsudato, suco, entre outros), exceto substâncias

isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa, incluindo “produto tradicional fitoterápico” e “medicamento fitoterápico”, podendo ser simples, quando o ativo é proveniente de uma única espécie vegetal medicinal, ou composto, quando o ativo é proveniente de mais de uma espécie vegetal (ANVISA, 2014). O fitoterápico é caracterizado pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso, assim como pela reprodutibilidade e constância de sua qualidade, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos de utilização, documentações tecnocientíficas em publicações ou ensaios clínicos, Fase 3 - RDC nº 48/2004 (ANVISA, 2004; Brasil, 2016).

São considerados produtos tradicionais fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais cuja segurança e efetividade sejam baseadas em dados de uso seguro e efetivo publicados na literatura técnico-científica e concebidos para serem utilizados sem a vigilância de um médico para fins de diagnóstico, de prescrição ou de monitorização (ANVISA, 2014; Brasil, 2016). São considerados medicamentos fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais cuja segurança e eficácia sejam baseadas em evidências clínicas e que sejam caracterizados pela constância de sua qualidade, concebidos para utilização sob vigilância de um médico para fins de diagnóstico, de prescrição ou de monitorização (ANVISA, 2014; Brasil, 2016).

Horto medicinal é um local para o cultivo de plantas medicinais e que possui diversas finalidades, dentre elas, o uso do espaço para atividades de extensão, como conscientização dos visitantes sobre a importância das plantas na prevenção e na cura de doenças; discutir sobre o uso da biodiversidade vegetal local e exótica; proporcionar o bem-estar aos visitantes; uso do espaço para práticas de

identificação botânica, cultivo, manejo, colheita, armazenamento e preparo para uso, etc. O horto também é um espaço para práticas de ensino, desde o básico até o superior, bem como para pesquisas interdisciplinares, principalmente.

No Brasil, os hortos medicinais são muito comuns em universidades, unidades básicas de saúde e espaços filantrópicos (Santos et al., 2015; Ayres et al., 2024; Braga, Brito, Linard, 2024; Oliveira et al., 2024). Dentre eles, o Horto Medicinal da Unidade Básica de Saúde 1 do Lago Norte, em Brasília; Horto Medicinal do Jardim Botânico de Brasília; Horto de Plantas Medicinais Prof. Francisco José de Abreu, em Fortaleza; Horto Medicinal da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em Curitiba; Horto Medicinal da Universidade Federal de Lavras; Horto Medicinal da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto; Horto Medicinal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica; Horto de Plantas Medicinais da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém.

Nesse contexto, a trabalho teve como objetivo apresentar a riqueza de plantas cultivadas no Horto Medicinal de Alta Floresta, Mato Grosso, incluindo nome científico, família botânica, nome popular, forma de vida, origem no Brasil e na Amazônia, forma de aquisição no horto e informações de preparo e uso para as espécies mais comuns.

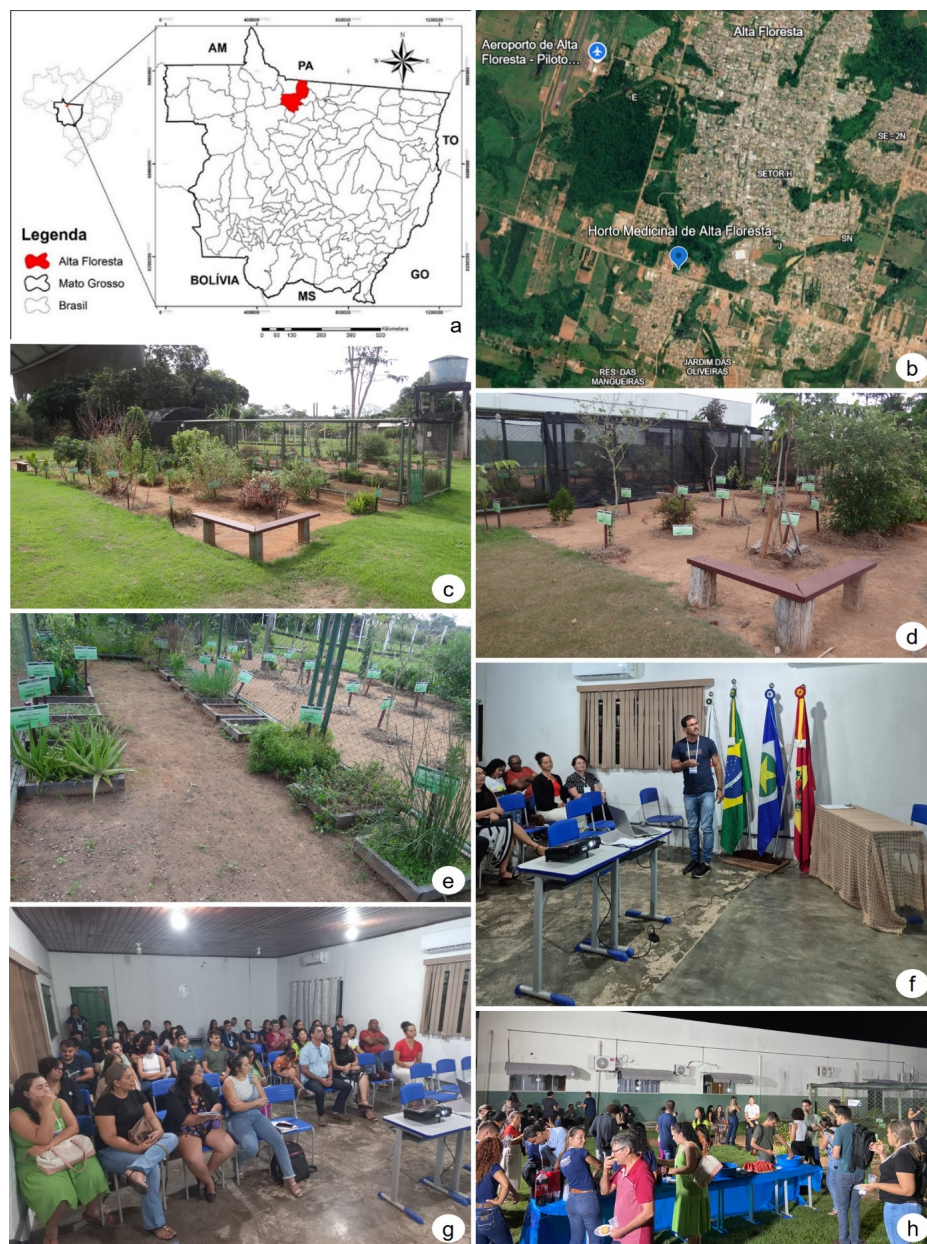
2. METODOLOGIA

O Horto Medicinal de Alta Floresta está localizado nas dependências da Universidade do Estado de Mato Grosso, no município de Alta Floresta, Mato Grosso, Brasil (Figura 1). O município localiza-se na região Noroeste do estado, no bioma Amazônia, conhecido como

portal da Amazônia, possui clima tropical chuvoso com as estações bem definidas — verão chuvoso e inverno seco; temperatura entre 20° a 38 °C, pluviosidade com médias de até 2.750 mm ao ano, e com população estimada de 62.158 habitantes, em 2025 (PMAF, 2021; IBGE, 2026). Alta Floresta se tornou município em 1979 e recebeu esse nome devido a presença de florestas altas e densas. A economia passou pela cafeicultura, mineração, pecuária, e hoje é uma referência na pecuária de corte e leite, monocultura de soja e milho em grande escala, cafeicultura clonal, beneficiamento de madeira, turismo ecológico, além de ser uma cidade universitária.

O horto começou a ser estruturado em abril de 2025, por meio de projeto de extensão (PORTARIA / UNEMAT N° 475 / 2025) e ações paralelas como o minicurso “Uma noite no horto medicinal” (05/09/2025) para o plantio de mudas medicinais durante a XVII Semana Acadêmica de Biologia.

Figura 1. Localização do município de Alta Floresta, Mato Grosso (a); localização do Horto Medicinal de Alta Floresta (b); plantas medicinais no espaço do horto (c-e); lançamento do Horto Medicinal de Alta Floresta (f-h). Fotos: J. M. Fernandes (a-e, g-h), comissão organizadora do evento (f).



O lançamento do horto ocorreu no dia 14 de novembro de 2025, durante o II Workshop Alta-florestense de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Plantas Medicinais e Fitoterapia. No evento, estiveram presentes cerca de 70 participantes, entre acadêmicos e professores da UNEMAT, representantes do Conselho Municipal de Saúde e do Conselho Municipal de Educação do município de Alta Floresta, representante da Escola Estadual de Tempo Integral Dom Bosco, do Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso, do Bioenergético em Mato Grosso e comunidade externa. Foi um momento de aprendizado por meio das palestras e discussões, e de confraternização no horto, primeira atividade de extensão no espaço físico. Atualmente, possui cerca de

270 m² e contribui em atividades de ensino, pesquisa e extensão, dentro e fora da universidade.

A lista das plantas medicinais cultivadas no horto foi elaborada no mês de julho de 2026, contabilizando as espécies e famílias botânicas presentes no local, origem geográfica, forma de vida e nome popular obtidos em Lorenzi e Matos (2021), Fernandes (2022a, 2022b), Flora e Funga do Brasil (2026) e Global Biodiversity Information Facility (GBIF, 2026). A lista também apresenta a forma de obtenção das mudas para o cultivo no horto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Horto Medicinal de Alta Floresta, Mato Grosso, com menos de um ano de fundação já mantém 90 táxons infragenéricos, correspondendo a 88 espécies, um híbrido e uma morfo-variedade, incluídas em 44 famílias botânicas (Tabela 1). Lamiaceae, Asteraceae, Malvaceae, Euphorbiaceae, Zingiberaceae, Amaranthaceae, Fabaceae, Polygonaceae e Solanaceae são as principais famílias em número de espécie. As espécies são referenciadas em literaturas na área da Saúde e Etnobotânica, incluindo livros do Ministério da Saúde, Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS, Conselho Estadual de Farmácia de São Paulo e diversas publicações que retratam o conhecimento popular (Brasil, 2006a; Brasil, 2006b; Brasil, 2016; São Paulo, 2019; Brasil, 2020; Fernandes; Soares-Lopes; Almeida, 2021; Lorenzi; Matos, 2021; Brasil, 2022a; Brasil, 2022b; Fernandes, 2022a; Fernandes, 2022b).

As espécies do horto possuem várias origens, 46% exóticas e 43% nativas no Brasil, sendo 34% nativas na Amazônia, e apenas 11% naturalizadas. Essas informações possibilitam discutir sobre a

biodiversidade compartilhada entre os povos, sem barreiras, unindo pessoas de diferentes países e continentes pelo poder terapêutico das plantas. O espaço também pode ser utilizado em outras áreas da ciência além da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Agrárias e Florestais, como a História, Geografia, Linguística e Matemática, por exemplo.

A riqueza vegetal do horto foi obtida por meio de diferentes fontes, destacando-se a coleta na floresta, quintal abandonado e beira de estrada (22 spp.), doadores diversos e sítio da família (14 spp. cada), coleção pessoal e comprada (10 spp. cada), vizinhos da família e acadêmicos da UNEMAT (8 spp. cada). Não foi fácil reunir tanta espécie em pouco tempo, no caso do Horto de Alta Floresta foi buscar as mais diferentes possibilidades para ter acesso a 90 plantas medicinais, como em ambientes naturais e cultivados conhecidos e pessoas com plantas em seus quintais. A compra de mudas ajudou no enriquecimento do horto, mas quando o projeto não tem financiamento acaba saindo de recurso pessoal, mas é importante para ter plantas de outros biomas ou de outros países, como a espinheira-santa, arnica-brasileira, cavalinha, ginkgo, lavanda, entre outras. As formas de vida das plantas medicinais do horto são bastante diversas, principalmente ervas (28%), arbustos (24%), árvores (22%), mas também tem lianas/cipós (7%), volúveis (2%) e trepadeira (1%).

Tabela 1. Plantas medicinais cultivadas no Horto Medicinal de Alta Floresta, estado de Mato Grosso, Brasil. *Espécie nativa na Amazônia=a; **Forma de vida: subarbusto=1, erva=2, árvore=3, liana=4, arbusto=5, trepadeira=6, volúvel=7; ***forma de obtenção: coleção do primeiro autor=1, sítio da família do primeiro autor=2, vizinho do primeiro autor=3, acadêmico da UNEMAT=4, comprado=5,

doação=6, coletada na floresta, beira de estrada e terreno urbano abandonado=7, cultivada no espaço antes do horto=8, Secretaria de Agricultura de Alta Floresta=9.

ACANTHACEAE		
<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f.	exótica ²	salgueiro-folhoso ⁶
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq. ^a	nativa ²	anador ⁴
ALISMATACEAE		
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.) Micheli, Monogr. ^a	nativa ²	chapéu-de-couro ¹
AMARANTHACEAE		
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze ^a	nativa ³	terramicina ¹
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clements	naturalizada ¹	erva-de-santa-maria ²
AMARYLLIDACEAE		
<i>Allium fistulosum</i> L.	exótica ²	cebolinha ¹
ANNONACEAE		
<i>Annona muricata</i> L.	exótica ²	graviola ³
<i>Annona squamosa</i> L.	exótica ²	araticum ⁶
APIACEAE		
<i>Eryngium foetidum</i> L. ^a	nativa ²	coentro ¹
ARACEAE		
<i>Calocasia esculenta</i> (L.) Schott	exótica ²	inhame ¹
ARISTOLOCHIACEAE		

<i>Aristolochia labiata</i> Willd. ^a	nativa ⁴	cipó-mil-homens ⁷
ASPHODELACEAE		
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	exótica ²	babosa ¹
ASTERACEAE		
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	naturalizada ²	agrião-do-pará ⁴
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	exótica ²	artemísia ²
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	nativa ³	carqueja ¹
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	naturalizada ³	figatti ⁵
<i>Mikania laevigata</i> Schultz Bip. Ex Baker	nativa ³	guaco ²
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	nativa ²	arnica-brasileira ⁴
BIGNONIACEAE		
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann ^a	nativa ²	crajirú ⁶
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers ^a	nativa ⁴	cipó-de-são-joão ²
BIXACEAE		
<i>Bixa orellana</i> L. ^a	nativa ³	urucum ²
CACTACEAE		
<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	nativa ⁵	ora-pro-nobis ⁶
CARICACEAE		
<i>Carica papaya</i> L.	naturalizada ¹	mamão ²

<i>Jacaratia digitata</i> (Poepp. & Endl.) Solms ^a	nativa ³	jaracatiá ²
CELASTRACEAE		
<i>Monteverdia aquifolium</i> (Mart.) Biral	nativa ⁵	espinheira-santa ²
CLUSIACEAE		
<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi ^a	nativa ³	bacupari ⁵
CORDIACEAE		
<i>Varronia curassavica</i> Jacq. ^a	nativa ⁵	erva-baleeira ⁵
COSTACEAE		
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe ^a	nativa ³	caninha-do-brejo ²
CUCURBITACEAE		
<i>Momordica charantia</i> L.	naturalizada ⁶	melão -de-são-caetano ⁷
DIOSCOREACEAE		
<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	naturalizada ³	cará-insulina ⁶
EQUISETACEAE		
<i>Equisetum hyemale</i> L.	exótica ²	cavalinha ⁴
EUPHORBIACEAE		
<i>Croton urucurana</i> Baill. ^a	nativa ³	sangue-de-dragão ⁷
<i>Euphorbia hirta</i> L. ^a	nativa ²	erva-de-santa-luzia ²
<i>Jatropha gossypifolia</i> L. ^a	nativa ²	pinhão-roxo ⁷

<i>Jatropha multifida</i> L.	exótica ¹	mertiolate ¹
FABACEAE		
<i>Clitoria ternatea</i> L.	exótica ²	feijão-borboleta ⁷
<i>Erythrina mulungu</i> Mart. ^a	nativa ²	mulungu ²
<i>Inga edulis</i> Mart. ^a	nativa ³	ingá-de-metro ²
<i>Hymenaea courbaril</i> L. ^a	nativa ²	jatobá ⁸
GINKGOACEAE		
<i>Ginkgo biloba</i> L.	exótica ¹	ginkgo ⁵
LAMIACEAE		
<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	exótica ¹	hortelã-graúda ¹
<i>Coleus amboinicus</i> Lour. 'variegata'	exótica ¹	hortelã-graúda-variegada ⁷
<i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth.	exótica ¹	boldo ¹
<i>Coleus neochilus</i> (Schltr.) Codd	exótica ¹	boldo-miúdo ¹
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	exótica ²	lavanda ²
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	exótica ²	cordão-de-frade ⁴
<i>Leonurus japonicus</i> Houtt.	exótica ²	rubim ⁴
<i>Mentha pulegium</i> L.	exótica ²	poejo ¹
<i>Mentha x piperita</i> L.	exótica ²	hortelã-pimenta ¹
<i>Ocimum campechianum</i> Mill. ^a	nativa ¹	alfavaca ²
<i>Origanum vulgare</i> L.	exótica ¹	orégano ²
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	exótica ⁵	alecrim ⁴

<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	exótica ²	mirra ⁵
LYTHRACEAE		
<i>Punica granatum</i> L.	exótica ²	romã ¹
MALPIGHIACEAE		
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	exótica ³	acerola ²
MALVACEAE		
<i>Gossypium barbadense</i> L.	naturalizada ⁵	algodão ⁷
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	naturalizada ¹	vinagreira ⁴
<i>Theobroma cacao</i> L. ^a	nativa ³	cacau ²
<i>Theobroma speciosum</i> Willd. ex Spreng. ^a	nativa ³	cacauí ⁵
MORACEAE		
<i>Ficus carica</i> L.	exótica ²	figo ²
<i>Morus nigra</i> L.	exótica ²	amora ⁷
MORINGACEAE		
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	exótica ¹	moringa ⁶
MYRTACEAE		
<i>Eugenia uniflora</i> L.	nativa ²	pitanga ⁶
<i>Psidium guajava</i> L. ^a	nativa ²	goiaba ³
NYCTAGINACEAE		
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	nativa ³	primavera ¹

PASSIFLORACEAE		
<i>Passiflora alata</i> Curtis ^a	nativa ²	maracujá-doce ⁶
PETIVERIACEAE		
<i>Petiveria alliacea</i> L.	naturalizada ¹	guiné ⁷
PHYLLANTHACEAE		
<i>Phyllanthus amarus</i> Schumach. & Thonn. ^a	nativa ²	quebra-pedra ²
PIPERACEAE		
<i>Piper nigrum</i> L.	exótica ⁴	pimenta-do-reino ²
PLANTAGINACEAE		
<i>Angelonia biflora</i> Benth.	nativa ¹	alfazema ²
POACEAE		
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	exótica ²	capim-santo ²
<i>Saccharum officinarum</i> L.	exótica ²	cana-de-açúcar ²
POLYGONACEAE		
<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	exótica ²	amor-agradinho ⁵
<i>Muehlenbeckia platyclada</i> (F.Muell.) Meisn.	exótica ²	fita-de-moça ²
<i>Polygonum punctatum</i> Elliott ^a	nativa ²	erva-de-bicho ⁶
RUBIACEAE		
<i>Coffea canephora</i> Pierre ex A. Froehner	exótica ²	café ²

<i>Genipa americana</i> L. ^a	nativa ²	jenipapo ²
RUTACEAE		
<i>Ruta graveolens</i> L.	exótica ²	arruda ¹
<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	exótica ²	dama-da-noite ²
SAPINDACEAE		
<i>Paullinia cupana</i> Kunth ^a	nativa ²	guaraná ²
SOLANACEAE		
<i>Capsicum frutescens</i> L.	naturalizada ¹	pimenta-malagueta ¹
<i>Solanum paniculatum</i> L. ^a	nativa ²	jurubeba ²
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D.Don ^a	nativa ²	manacá ⁵
VERBENACEAE		
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson ^a	nativa ⁵	erva-cidreira ²
VIBURNACEAE		
<i>Sambucus nigra</i> L.	exótica ²	sabugueiro ²
ZINGIBERACEAE		
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.	exótica ²	colônia ²
<i>Curcuma longa</i> L.	exótica ²	açafrão ²
<i>Curcuma zedoaria</i> (Christm.) Roscoe	exótica ²	zedoária ²
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	exótica ²	gengibre ²

As espécies mais tradicionais em hortos medicinais e quintais das famílias brasileiras (Fernandes, 2022a) estão no Horto Medicinal de Alta Floresta, como açafrão (*Curcuma longa*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*), anador (*Justicia pectoralis*), babosa (*Aloe vera*), boldo (*Coleus barbatulus*), capim-santo (*Cymbopogon citratus*), carqueja (*Baccharis trimera*), chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus*), cipó-mil-homens (*Aristolochia labiata*), espinheira-santa (*Monteverdia aquifolium*), goiaba (*Psidium guajava*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), maracujá-doce (*Passiflora alata*), mulungu (*Erythrina mulungu*), terramicina (*Alternanthera brasiliana*) e urucum (*Bixa orellana*).

Os rizomas do açafrão foram trazidos do sítio da família para o cultivo no Horto Medicinal de Alta Floresta, com folhas e inflorescências presentes apenas no período de chuva na região (Figura 2a). De acordo com Lorenzi e Matos (2021), para o uso são 5-15 gramas de rizoma fresco em salada ao dia, usado como anti-hepatotóxico (protege a função hepática de substâncias tóxicas), anti-inflamatório e anti-hiperlipidêmico (altos níveis de gordura na corrente sanguínea).

As mudas de alecrim foram compradas em viveiro de Alta Floresta e plantadas na parte coberta do horto, com sombrite, mas também é bem resistente a pleno sol (Figura 2b). No horto, várias mudas já foram feitas retirando apenas a ponta do ramo e colocada diretamente em saquinho com terra. A infusão para uso interno é feita com 1 colher de chá (2 gramas) em 1 xícara de água, 3 vezes ao dia, enquanto para o uso tópico, é preparado por maceração de ramos, indicado como diurético, no tratamento de gases intestinais, dor de cabeça, cólica menstrual e anti-inflamatório (Lorenzi; Matos, 2021).

As mudas do anador foram trazidas por acadêmica da Biologia, durante estágio realizado no início do horto (Figura 2c). A infusão é preparada com cerca de 5 gramas de folhas secas ou frescas em 150 mL de água, 2 ou 3 vezes ao dia como expectorante, broncodilatador, analgésico, relaxante muscular e febre (São Paulo, 2019).

As mudas de babosa foram obtidas da coleção pessoal do primeiro autor, que era usada em ações de extensão na UNEMAT e fora da universidade por acadêmicos que interagiam com o público sobre as plantas medicinais (Figura 2d). Segundo Lorenzi e Matos (2021), a mucilagem fresca é eficiente em uso tópico para queimadura, ferimento, cicatrização e como supositório para hemorroida; o uso interno para infecções como gastrite, úlcera, entre outras, em excesso, pode comprometer o funcionamento dos rins.

Os ramos do boldo plantados no horto vieram da coleção pessoal. É uma espécie que cresce e floresce muito bem na região de Alta Floresta (Figura 2e). Segundo Lorenzi e Matos (2021) a maceração é feita com 3 a 4 folhas frescas em 1 xícara de água, ingerindo 2 ou 3 vezes ao dia para problemas do fígado e estômago, algumas delas conhecidas como dispepsia (queimação no estômago, ressaca, náuseas, arrotos constantes, sensação de saciedade precoce e inchaço abdominal).

As mudas de capim-santo foram trazidas do sítio para o cultivo no horto, e exige de vez em quando a retirada das folhas secas (Figura 2f). É uma planta que chama atenção pelo uso medicinal, mas também para o uso do chá, substituindo o café. De acordo com Lorenzi e Matos (2021), a infusão de folhas secas ou frescas é usada

como calmante, relaxante muscular, analgésico, cólica intestinal e uterina, e não possui ação tóxica.

As mudas de carqueja foram obtidas da coleção pessoal e plantas no horto em pleno sol, e no período de chuva exige poda devido ao rápido crescimento dos ramos (Figura 2g). A infusão é feita com 1 colher de sopa do caule em 1 xícara de água, 3 vezes ao dia, antes das refeições, usada para problemas intestinais, estomacais e hepáticos devido as propriedades digestivas, antiúlceras, antiácidas, analgésicas e anti-inflamatórias (Lorenzi; Matos, 2021).

As mudas de chapéu-de-couro plantadas no horto foram da coleção pessoal, mas devido a preferência por ambientes paludosos (brejo), ainda não está em um local adequado (Figura 2h). A decocção é feita com uma colher de sobremesa de folha seca em 150 mL de água, ingerir 3 vezes ao dia para edemas (inchaço) por retenção de líquidos, agindo como diurético, e processos inflamatórios (São Paulo, 2019; Lorenzi; Matos, 2021).

A muda do cipó-mil-homens foi obtida no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes e se adaptou muito bem no horto (Figura 3a). Foi plantada com a finalidade de discutir com os visitantes sobre a sua aplicação na medicina popular e as orientações recentes para evitar o uso interno das espécies do gênero. Todas as espécies de *Aristolochia* estão proibidas pela ANVISA em produtos tradicionais fitoterápicos no país (Fernandes, 2022b), devido a presença dos ácidos aristolóquicos, relatados como cancerígenos, mutagênicos e nefrotóxicos (Moreno et al., 2020; Souza et al., 2020). Portanto, não são plantas para uso interno (Paulert, Zonetti & Rosset, 2017), mas as aristolóquias são muito usadas internamente e externamente na medicina popular, por

meio da decocção das raízes ou infusão das folhas, para dores, inflamações, falta de apetite, males estomacais e intestinais, menstruação, rins, fígado, antisséptico, entre outros usos (Fenner et al., 2006; Lorenzi; Matos, 2021; Fernandes, 2022c). o chá da raiz e do caule serve para “evitar filho” e possui efeito abortivo (Magalhães, 2019).

A muda de espinheira-santa foi comprada em viveiro de Alta Floresta e se adaptou bem ao horto, devendo se tornar uma arvoreta nos próximos anos (Figura 3b). A preparação é feita por infusão de 1 colher de sobremesa da folha em 1 xícara de água, ingerindo antes das refeições para afecções gástricas como úlceras, gastrites e para contração do estômago, possui atividade anti-tumoral, antibiótica e produção de ácido clorídrico (Lorenzi; Matos, 2021).

A muda de goiaba foi trazida do sítio e plantada no início do horto para fins medicinais e para sombra (Figura 3c). Com menos de um ano de plantio já produziu frutos. A infusão é preparada com 3 a 4 brotos em 1 xícara de água, ingerir 1 ou várias vezes ao dia para diarreia, possuindo atividade antimicrobiana (Lorenzi; Matos, 2021; Fernandes, 2022a).

O horto aproveitou duas árvores de jatobá plantadas há mais de 15 anos no local, com ampla produção de frutos na atualidade (Figura 3d). A decocção é feita com 1 colher de sopa da casca em 1 xícara de água, ingerindo 3 vezes ao dia, podendo acrescentar mel para agir como xarope, usada para diarreia, cólica intestinal, bronquite, tosse, asma, fraqueza pulmonar, anti-inflamatório, e como fortificante fazendo o uso da farinha ao redor da semente (Lorenzi; Matos, 2021; Fernandes, 2022a).

A muda de maracujá-doce foi comprada no estado de São Paulo e plantada no horto em estaleiro vertical, para ocupar menos espaço (Figura 3e). A infusão é preparada com 3 a 4 folhas frescas ou 3 a 5 gramas de folhas secas em 150 mL de água, ingerindo 1 a 3 xícaras ao dia para induzir ao sono, proporcionando tranquilidade, calma e reduzindo a ansiedade (Lorenzi; Matos, 2021).

O mulungu foi plantado no horto por meio de galho retirado em árvore de pastagem e enraizado em saquinho com terra (Figura 3f). É uma planta que se torna caducifólia durante a floração e muito usada no Brasil. A decocção é feita com 4 a 6 gramas da casca em 150 mL (xícara de chá) de água, ingerindo 1 xícara 2 a 3 vezes ao dia para quadros leves de ansiedade e insônia, como calmante suave, como efeitos adversos, pode interagir com outros depressores do sistema nervoso central (São Paulo, 2019; Lorenzi; Matos, 2021).

Figura 2. Plantas no Horto Medicinal de Alta Floresta, Mato Grosso: a) açafraão, b) alecrim, c) anador, d) babosa, e) boldo, f) capim-santo, g) carqueja, h) chapéu-de-couro. Fotos: J. M. Fernandes.



Figura 3. Plantas no Horto Medicinal de Alta Floresta, Mato Grosso: a) cipó-mil-homens, b) espinheira-santa, c) goiaba, d) jatobá, e) maracujá-doce, f) mulungu, g) terramicina, h) urucum. Fotos: J. M. Fernandes.



As mudas de terramicina foram obtidas da coleção pessoal e plantadas no horto em solo com maior compactação e pouca adubação devido ter características de planta invasora (Figura 3g). A infusão é feita com folhas e inflorescências, ingerida como anti-tumoral, problemas respiratórios, diurética, digestiva, depurativo do sangue, moléstias do fígado e bexiga (Lorenzi; Matos, 2021).

A muda de urucum foi trazida do sítio e plantada no horto para fins medicinais e sombra (Figura 3h). O cataplasma das folhas é usado no tratamento de sarna, e as sementes em decocção são empregadas para problema cardíaco, tosse, gripe e bronquite (Fernandes, 2002a; Lorenzi; Matos, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Horto Medicinal de Alta Floresta mantém elevada biodiversidade vegetal, nativa e exótica, tornando-se um espaço para atividades de ensino, pesquisa e extensão, que caminha para contribuir na construção de uma política municipal de práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde do município, com foco em Plantas Medicinais, Fitoterápicos e bem-estar físico e mental.

A construção do horto mostrou que a rede de pessoas conhecidas e fragmentos florestais próximos podem oferecer um número expressivo de plantas medicinais, como ocorreu em Alta Floresta, resultando em um espaço público e com livre acesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2004). **Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 48, de 16 de março de 2004, dispõe sobre o registro de fitoterápicos.** Brasília: Diário Oficial da União, 18 março de 2004.

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2014). **Resolução da diretoria colegiada - RDC Nº 26, de 13 de maio de 2014.** 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf. Acesso em: 06 agosto 2021.

AYRES, L.; SOUZA, M. S.; CARVALHO, D. C.; LOPES, N. D. C.; BRAZ, L. C.; HENRIQUES, B. D. (2024). Elaboração e implantação de um horto medicinal em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e

BRAGA, R. L., BRITO, A. G., LINARD, C. F. B. M. (2024). A importância dos hortos medicinais na promoção da saúde para a população carente. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, 5(2), e524849. <https://doi.org/10.47820/recima21.v5i2.4849>

BRASIL (2006a). **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde. 60p.

BRASIL. (2006b). **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasília: Ministério da Saúde. 92p.

BRASIL. (2016). **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde. 190p.

BRASIL. (2020). **Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: RENAME 2020**. Brasília: Ministério da Saúde. 217p.

BRASIL. (2022a). **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/pics/praticasintegrativas>. Acesso em: 17 janeiro 2022.

BRASIL. (2022b). **Sistema de Informação da Atenção Básica – SIAB**. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/siab>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

CASTRO, M. R.; FIGUEIREDO, F. F. Saberes tradicionais, biodiversidade, práticas Integrativas e complementares: o uso de

plantas medicinais no SUS. **HYGEIA**, v. 15, n. 31, p. 56-70, 2019.

FENNER, R.; BETTI, A.H.; MENTZ, L.A.; RATES, S.M.K. Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 3, p. 369-394, 2006.

FERNANDES, J. M. (2022a). **Morfologia de plantas medicinais utilizadas em Alta Floresta: subsídios ao ensino, pesquisa e extensão em Botânica**. Nova Xavantina: Pantanal Editora.

FERNANDES, J. M. (2022b). **Plantas proibidas na composição de produtos tradicionais fitoterápicos no Brasil**. Nova Xavantina: Pantanal Editora.

FERNANDES, J. M. (2022c). Espécies de *Aristolochia* (Aristolochiaceae) usadas na medicina popular brasileira, mas proibidas na composição de produtos tradicionais fitoterápicos. **Educação Ambiental em Ação**, 20(78). Disponível em: <https://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=4267>. Acesso em: 09/05/2022.

FERNANDES, J. M.; GARCIA, F. C. P.; AMOROZO, M.C.M.; SIQUEIRA, L. C.; MAROTTA, C. P. B.; CARDOSO, I. M. (2014). Etnobotânica de Leguminosae entre agricultores agroecológicos na Floresta Atlântica, Araponga, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, v. 65, p. 539-554.

FERNANDES, J. M.; SOARES-LOPES, C. R. A.; ALMEIDA, A. A. S. D. (2021). Morfologia de espécies medicinais de boldo cultivadas no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e42910615824. Doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15824

FLORA E FUNGA DO BRASIL. (2024). Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

GBIF - Global Biodiversity Information Facility (2026). **Taxon.** Disponível em: <https://www.gbif.org/>. Acesso em: 10/07/2026.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2026). **Mato Grosso.** <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 05 jan. 2026.

LIMA, R. A. SALDANHA, L. S.; CAVALCANTE, F. S. A. (2020). A importância da taxonomia, fitoquímica e bioprospecção de espécies vegetais visando o combate e enfrentamento ao covid-19. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 7, p. 607-617.

MACIEL, A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA-JÚNIOR, V. F.; GRYNBERG, N. F.; ECHEVARRIA, A. (2002). Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 25, n. 3, p. 429-438.

MAGALHÃES, K.N. **Plantas medicinais da Caatinga do Nordeste brasileiro: etnofarmacopeia do professor Francisco José de Abreu Matos.** 219p. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil, 2019.

MORENO, D. S. A.; SILVA, D. O.; SILVA, A. J. R.; KAPLAN, M. A. C.; ALVIANO, C. S.; ALVES, P. B. (2020). Determination of aristolochic acids I and II in Brazilian sugar cane spirit infusions “milhomem” commonly used in Northeast Brazil as popular drinks. **Revista Fitos**, 14, 38-44.

OLIVEIRA, A. C. D.; ROPKE, C. D. (2016). Os dez anos da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) e os principais entraves da cadeia produtiva de extratos vegetais e medicamentos fitoterápicos no Brasil. **Revista Fitos**, v. 10, n. 2, p. 95-219.

PAULERT, R.; ZONETTI, P. C.; ROSSET, I. G. (2017). *Aristolochia* não é planta medicinal de uso interno: uma revisão. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, 19(3), 415-424.

PMAF - Prefeitura municipal de Alta Floresta. (2021). **Geografia**. https://www.gp.srv.br/transparencia_altafloresta/servlet/inf_div_detalhe?12. Acesso em: 05 jan. 2026.

SANTOS, L. L.; CORTEZ, D. A. G.; VERMELHO, S. C. S. D.; CORTEZ, L. E. R. (2015). Horta medicinal escolar mandala: integração entre o conhecimento popular e o científico. **Revista de Educação Popular**, 14(1), 145-160.

SÃO PAULO. (2019). **Plantas medicinais e fitoterápicos**. 4ª edição. São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo / Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

¹ Docente na Faculdade de Ciências Biológicas e Agrárias, Câmpus Universitário de Alta Floresta, Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Discente do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, Câmpus Universitário de Alta Floresta, Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Discente do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, Câmpus Universitário de Alta Floresta, Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Docente na Faculdade de Ciências Biológicas e Agrárias, Câmpus Universitário de Alta Floresta, Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)